

PREVENIR É MELHOR QUE CURAR: A ESPECIFICIDADE DA FRANÇA NOS ESTUDOS DA EUGENIA

Patricia Fortunato Dias*

O objetivo principal deste trabalho baseia-se na análise de determinados aspectos do higienismo e do eugenismo desenvolvidos na França em três grandes momentos da história contemporânea: as descobertas pasteurianas, a Primeira Guerra Mundial e a criação da Fondation Française d'Etudes pour les Problèmes Humains. Tais marcos históricos revelam uma passagem heterogênea, porém progressiva, das noções higienistas herdeiras do século XIX até as novas concepções eugenistas que influenciaram de modo contundente as pesquisas científicas desenvolvidas durante as primeiras décadas do século XX.

Pensar o discurso eugenista na França é também se reportar às práticas higienistas de individualização, pois estas se desdobram nas noções de saúde e, por conseguinte, na construção da idéia de raça pura. Essa prática de individualização envolve uma reconfiguração do espaço da cidade e dos corpos, sendo esta última dada como foco o cuidado com a criança. É através da criança que a França destaca seus esforços para a manutenção da raça, ou seja, é nela que estarão depositadas todas as esperanças quanto ao futuro de uma nação. As epidemias, as baixas de guerra e o problema da degenerescência denotam uma deficiência populacional e o perigo de extinção da raça enquanto nação, francesa.

Depois das descobertas de “inimigos invisíveis”, Pasteur, em 1878, desenvolve, através do isolamento dos micróbios, a vacina. Sendo assim, a gênese de um caminho é trilhada, a via do “melhorismo”, a qual adota uma prática de prevenção e manutenção da saúde física e mental. É dentro dessa perspectiva que se encontra a singularidade do percurso feito neste trabalho, que se inicia no higienismo pós-Pasteur, passa pelo surgimento da eugenia no começo do século XX (que começa com Francis Galton, já no final do XIX) até o eugenismo desenvolvido na década de 40 por Aléxis Carrel, na Fondation Française d' Etudes pour les Problèmes Humains.

A temática do eugenismo francês ainda é, em parte, um assunto tabu hoje na França. Muitas opiniões se dividem no universo da bibliografia sobre esse tema.

Para Anne Carol em *Histoire du l'eugenisme en France*, a emergência do discurso eugenista se estabelece muito antes de Francis Galton, em meados do século XVII; para tanto ela analisa o aparecimento de idéias eugenistas dentro dos discursos médicos, remontando propriamente uma história do eugenismo na França com a hipótese de um eugenismo médico específico e pré-galtoniano, afirmando assim uma originalidade francesa da ciência. Aqui, a nossa preocupação é mostrar a emergência de um discurso eugenista de saber enquanto poder, que se relaciona e por vezes se confunde com uma prática higienista do final do XIX, momento em que o receio da degenerescência e a valorização da raça pura ganham impulso e, doravante, quando o higienismo ganha o caráter de ciência tal qual a física, a química e a história natural.

Ora, se higiene, nesse momento, é um dos melhores sinônimos para significar civilização, pelo menos segundo os franceses no início do século XX, é possível fazer a ligação entre corpo e Estado, isto é, a prática de higiene é também uma prática ordem política, partindo do princípio do cuidado de si. Nesse sentido, alguns trabalhos de Michel Foucault trazem grandes contribuições para esta pesquisa. Foucault não trabalhou exatamente com os temas aqui abordados, no entanto, a noção de *biopolítica*¹ se faz imprescindível para eles.

A prática higienista começa a ganhar força, principalmente, entre 1750 e 1780, quando grandes cidades, como Paris, entram num processo de explosão demográfica e crescimento urbano. Impelidas por um novo sistema econômico nascente, a necessidade da organização dos espaços, o que concerne a habitação, não se faz apenas por uma preocupação essencialmente política, uma vez que agora o choque entre as classes se dá no mesmo perímetro, ela será também político-médica, o que agrega questões de salubridade para a organização do meio urbano. Nessa época, Paris configura-se com o seguinte cenário: aglomerações da classe pobre, esgoto aberto, cadáveres empilhados. Uma das áreas de maior atenção era o Les Halles, que além de tudo isso convivía também um pólo comercial.

Com a cólera de 1832 e o levante de 1848, a necessidade de um esquadramento urbano se afirma, isso por dois motivos: por um lado, por uma contenção político-social, e por outro, pela questão da salubridade, principalmente quando se pensa nas necessidades da burguesia emergente. Aqui vemos elucidar um conceito que Louis Chevalier trabalha em seu livro *Classes Labourieuses et Classes Dangereuses*,² o qual, em um estudo sobre a criminalidade, traça um panorama da ligação da classe trabalhadora com questões como doença e crime.

O projeto haussmaniano virá atender boa parte das exigências. Com uma arquitetura baseada na medicina urbana, em que se priorizava a circulação do ar e da água puros – re-

lação ainda muito estreita com a teoria dos miasmas – o Barão de Haussmann abrirá *boulevards*, construirá uma rede de esgotos, canalizará água limpa e, ademais, estruturará a cidade para a impossibilidade de barricadas. Com ele, Paris torna-se uma cidade-modelo para o mundo, no entanto é com as descobertas pasteurianas sobre os microorganismos, em 1868 – e mais tarde, em 1878, a descoberta da vacina – que todo o projeto haussmaniano começa a cair por terra. A partir do momento em que o perigo não está só num tipo de classe, num tipo de ar ou num tipo de água, pois agora este é invisível e pode estar em todo lugar, toda uma individualização do corpo, isto é uma disciplina corporal e uma política regulamentadora da população deve se reconfigurar. É justamente a partir desse momento que o problema principal deste trabalho começa a ser esboçado.

O último terço do século XIX compreende um momento decisivo para o desenrolar de uma nova perspectiva higienista, pois, em 1868, temos as descobertas pasteurianas, e também para o pensamento eugenista na França que num, primeiro momento, surge com a idéia da Puericultura. Veremos vários acontecimentos importantes em relação a isso. Primeiro: haverá uma reorganização que compreende tanto o espaço público quanto o privado. O novo uso da água – que agora não serve apenas para lavagem, mas tem a função de assepsia – traz a manutenção dos espaços de habitação e estabelecimentos públicos da cidade. Nesse momento, as casas da classe burguesa começam a ganhar banheiros individuais, as vilas operárias compreendem-se pelo alojamento individual de famílias em cada casa, e ainda, cada indivíduo num cômodo. Já no âmbito público, podemos ver o crescimento de estabelecimentos de banho e piscinas públicas. Segundo: a guerra franco-alemã suscitará grandes preocupações com a proteção da população francesa. Com a guerra, haverá um declínio demográfico significativo, o que possibilitou também o aparecimento de novas estratégias de disciplina e de controle; doravante, o discurso higienista começará a se misturar com o discurso eugenista.

O inimigo da saúde é também o inimigo da higiene, isto é, a doença. Não a doença por ela mesma, mas sim ela enquanto devir. O problema está no contágio, no micróbio, na sujeira, assim podemos identificar um discurso baseado no ambiente da prevenção.

É no final do XIX que as teorias que pensavam a diferenciação entre as raças ganham viço. Os degenerados transformam-se na maior ameaça a um porvir de uma nova geração francesa que precisava emergir. A antropometria de Alphonse de Bertillon, do Serviço de Identidade Judiciária de Paris, desenvolve-se como ferramenta indispensável para identificação dos criminosos. A psiquiatria nascente se ocupará com os alcoólatras, as histéricas, os homossexuais, enquanto que a higiene mental passa a ser considerada fundamental para a produção de uma raça produtiva. Além disso, a degenerescência implicará outros estudos, como a hereditariedade, o que formulará as idéias primordiais para o discurso

eugenista, a saber, a ciência dos “bons nascimentos”. Com isso, os focos estão posicionados: a relação sexual, a mulher grávida e as crianças. Dr. Pinard, obstetra pasteuriano, será o precursor nesse foco, introduzindo os estudos da puericultura intra-uterina, o qual tem como objetivo principal pesquisar conhecimentos relativos à reprodução, conservação e de melhoramentos da espécie. Por sua definição, poderíamos concluir que se trata propriamente de eugenismo, no entanto, no Primeiro Congresso de Eugenia em Londres, em 1912, Pinard insiste no conceito de “Puericultura antes da procriação”.

A preocupação com a mãe e, principalmente, com a criança coloca-se como uma constante. Pode-se dizer que o cuidado com a criança e, conseqüentemente, com a mãe é a espinha dorsal tanto para os higienistas quanto para os eugenistas. A eugenia parte sim das mesmas problemáticas da higiene, no entanto, ela nasce como uma ciência nova, que se estabelece, primordialmente, com olhar atento à procriação humana, a saber, a relação sexual, a gravidez, o parto e, ainda, o desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, quando se fala em eugenia – pelo menos na França – é possível que se esteja falando em Puericultura. Isso porque a preocupação eugenista na França começa com Pinard, que atenta às preocupações relativas à procriação e melhora da espécie, o qual insiste por chamar essa ciência não de Eugenia, mas sim de “Puericultura antes da procriação”. Esse debate denota o posicionamento diverso da França em relação à Inglaterra.

A configuração do final do século XIX é marcada por um grande debate epistemológico das correntes pasteurianas, lamarckinianas e darwinianas. Todas elas com pressupostos que defendiam a persistência da raça, no entanto, com diferentes pontos de vista. Porém, serão o pasteurismo e o lamarckismo que influenciarão os estudos sobre hereditariedade na França, por uma influência muito grande do catolicismo.

A partir de 1925, é criada a Association du mariage chretien, uma associação católica e dela participam médicos e docentes da Sorbonne, a qual tinha a intenção de promover o respeito das leis do casamento, fonte da fecundidade, e defender a instituição matrimonial católica restituindo-a de toda sua eficácia moral, social e religiosa. Sua difusão foi dada por revistas, programas de rádio, livros e congressos, os quais perpassavam temas como eugenia – com uma vasta crítica à esterilização – e cuidados com a criança (educação, sexualidade, etc).

A posição católica vem acompanhada do discurso recorrente do perigo da depopulação e da atenção voltada para a criança. A industrialização e, por conseguinte, o anglicanismo – isso referindo-se ao modelo social inglês – são alvos de crítica, o que traduz outra abordagem para a explicação da peculiaridade do eugenismo francês.

No entanto, nesse ponto em particular aparecem duas propostas de reflexão: por um lado, a posição do pensamento cristão renegando ao poder do Estado em resolver a vida dos seres humanos e, por outro, uma questão, mais tarde apontada por Michel Foucault no seu livro *História da Sexualidade I – A vontade de saber*: trata-se da passagem da perda do poder soberano no mundo moderno para o poder burguês sobre uma grande população, a partir da qual a sexualidade serve como eixo para construir um corpo produtor de vida. Agora, o poder do rei de matar passa a ser substituído pelo poder burguês de gerar vida e mantê-la cada vez mais produtiva, sã e pura.

A relevância dessas discussões não se limita ao século XIX. Ela aparece com todo o vigor na medida em que a catástrofe demográfica se coloca; assim, por exemplo, a França tinha perdido muitos de seus homens na Guerra de 1914-1918; por conseguinte, houve uma queda nos nascimentos e uma perda significativa de homens.

O foco central da preocupação dá-se, então, em torno das questões que se referem à criança, ou seja, a procriação, as características hereditárias, a educação. A partir da década de 10 do século XX, já é possível perceber o crescimento de artigos em revistas científicas, tratando de higiene ou de eugenia, com assuntos que se reportem às questões infantis. As questões antes privilegiadas, isto é, uma higiene vinculada ao asseio antimicrobiano, infiltrou-se e mistura-se com os cuidados desde o parto até a alimentação da primeira infância, chegando às condutas morais inseridas na educação escolar. A publicidade de hospitais e de institutos que ensinam mães a cuidar dos seus filhos aparece de forma recorrente. A mortalidade infantil e mesmo a questão do aborto eram temas de discussão da época. Precisava-se fazer nascer, mas, sobretudo fazer bem.

Em janeiro de 1920, a escola de Puericultura é criada como um órgão da faculdade de medicina da Universidade de Paris, com a direção do Dr. Pinard. Responsável pela formação de médicos e enfermeiras, o curso tinha como objetivos principais desenvolver os quadros técnicos da puericultura e estabelecer os tipos de proteção infantil e maternal exemplar.

Era preciso criar uma rede de controle em torno da sociedade em porvir. A Puericultura de Pinard se trama e ganha força na medida em que se relaciona com outras áreas do conhecimento e de interesse do Estado. Essa rede se estabelece dentro do campo da saúde secularizado. Experiência inaugurada pela ciência da higiene, na qual estatísticos, juristas, deputados, médicos, antropólogos, biólogos, todos, determinam medidas para a melhoria da sociedade. O casamento entre a política e a saúde continua. O bem-estar da sociedade é também papel inerente do Estado.

A essa altura, cenário que se corrobora na década de 30, a Puericultura de Pinard tinha conseguido os avanços desejáveis até então requeridos para uma França aterrada

pela degenerescência. Isso porque seu programa se articulava, principalmente, com uma imensidão de áreas. Ela ia da fisiologia a higiene, participava da medicina preventiva e se intercambiava com as ciências sociais, e ainda devia reconhecer a legislação vigente, e por vezes articular com os Poderes públicos modificações desejáveis.

Em 16 de dezembro 1942, no governo pétainista, promulga-se a lei de nº 941 de exame pré-nupcial entre as mulheres, com a tentativa de reduzir a mortalidade infantil, dando assistência à mulher grávida, mas ao mesmo tempo com o objetivo de orientar quais estão aptas a proporcionar um “bom nascimento” para a nação, a proteção física e moral da raça.

O ano de 1942 é permeado pelo ápice do que pôde gerar aquilo que se chama eugenia na França. Para alguns autores é o que se pode chamar propriamente de eugenismo na França. Nesse mesmo ano é assinada a lei que dá início às atividades da Fondation Française d’Etudes pour les Problèmes Humains, dirigida por Alexis Carrel, prêmio Nobel em 1913. Francês por nacionalidade, mas tendo efetuado sua carreira nos Estados Unidos entre 1906 e 1938, implementa a idéia dessa fundação na França, pois vê dentro dos interesses políticos de Pétain a possibilidade de viabilizar seu projeto, o qual tinha a intenção de melhorar e desenvolver a população francesa em todas as atividades, encarregada de estabelecer estatísticas, levantar uma documentação sobre os problemas humanos, equipar laboratórios, no sentido de melhorar a população francesa.

Como se vê, pretende-se produzir uma espécie de “arquivo” dos diversos conhecimentos científicos sobre a eugenia. Além disso, a idéia de “melhorar” a raça está sempre presente nesse tipo de discurso, tendo homem como objeto de experimento.

A fundação de Carrel funcionará em Paris, em um imóvel cedido pelo Instituto Rockefeller, que durante a Primeira Guerra preconizou o atendimento e a prevenção da tuberculose, se multiplicando em funcionários e médicos dentro de hospitais e sanatórios. A fundação dura de 14 de janeiro de 1942 até 21 de agosto de 1944, depois ela se transforma em Institut national d’études démographiques, o qual existe até hoje em Paris.

Contudo, estabelecer um debate sobre as condições de emergência do pensamento eugenia na França é também pensar acerca de situações atuais, trabalhadas por teóricos das ciências humanas de nossos dias. Hoje, questões da genética, como a clonagem e os transgênicos, têm sido colocadas em debate por cientistas das humanidades e das ciências biológicas. As questões éticas oriundas desses debates e das experimentações com seres vivos são complexas e muito importantes para o entendimento do que sejam os limites do humano. Na tentativa de fornecer a essas reflexões uma contribuição de natureza histórica, este trabalho dedica-se a perceber as relações e as diferenças entre as culturas higienistas e eugênicas nos tais momentos indicados e, assim, destacar possibilidades de

melhor compreender os significados da vontade de intervir e melhorar cientificamente a vida humana.

Esta reflexão partiu de um contato com as fontes no Archives Nationales de France, na Bibliothèqu Nationale François Miterrand e no *Journal Officiel de L' État Français* numa viagem feita em janeiro de 2005 a Paris. Esse conjunto documental compreende-se por tratados e manuais médicos, leis, relatórios, atas e periódicos que envolvem a temática.

Notas

* Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

¹ FOUCAULT, Michel. *Naissance de la Biopolitique*. Paris: Gallimard/ Seuil, 2004.

² CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Hachette, 1984.